

Elizabeth Bishop

# Vila inda

Tradução

SÍLVIA M<sup>a</sup> GUERRA ANASTÁCIO

SANDRA CORRÊA

ANDRÉA GOMES





NA VILA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*Dora Leal Rosa*

Vice-Reitor

*Luiz Rogério Bastos Leal*



E D U F B A

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Flávia Goullart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial

Titulares

*Angelo Szaniecki Perret Serpa*

*Alberto Brum Novaes*

*Caiuby Álves da Costa*

*Charbel Niño El Hani*

*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*

*José Teixeira Cavalcante Filho*

Suplentes

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*Cleise Furtado Mendes*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*

fapesb



Fundação de Amparo  
à Pesquisa do Estado da Bahia

Elizabeth Bishop *na*  
*Vila*

Tradução

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

SANDRA CORRÊA

ANDRÉA GOMES

Salvador | Edufba | 2011

2011, by Elizabeth Bishop  
Direitos para esta edição cedidos por Vassar College,  
Nova Iorque à Sílvia Anastácio. Feito o depósito legal.

Projeto gráfico, capa e diagramação  
*Alana Gonçalves de Carvalho Martins*

Tradução  
*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Sandra Corrêa e Andréa Gomes*

Revisão  
*Susie Santos*

Narração da versão em audiolivro  
*Gideon Rosa*

Técnico de gravação e edição da versão em audiolivro  
*Chico Gomes*

Versão em audiolivro gravado no PROTOM STÚDIO em julho de 2009

Versão em Daisy produzida por Patrícia Silva de Jesus

FICHA CATALOGRÁFICA

ISBN 978-85-232-0793-9



Editora filiada à



Edufba  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina  
40170-115 - Salvador - Bahia  
Tel.: +55 71 3283-6164  
Fax: +55 71 3283-6160  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

## Introdução

**E**lizabeth Bishop (1911-1979) escreveu o conto *In the village*, traduzido por *Na Vila*, no tempo em que a autora morava no Brasil, em 1953. É uma história autobiográfica, que ficcionaliza ecos de suas memórias de infância na Nova Escócia. A perturbação mental da mãe atravessa todo o conto e é perpetuada por um grito que paira no ar: “Um grito, o eco de um grito fica suspenso no ar, naquela vila da Nova Escócia. Ninguém escuta; e o grito permanece suspenso lá, para sempre. [...] Aquele grito assim inaudível na memória – no passado, no presente, em todos os tempos. Talvez não fosse tão alto assim. Ele simplesmente veio para ficar, ficar para sempre – nem é tão alto, mas vivo para sempre. O tom daquele grito na escuridão seria o tom da minha vila. Bata de leve com uma varinha no sino da igreja e você vai ouvir esse som”.



## *Na Vila*

Um grito, o eco de um grito fica suspenso no ar, naquela vila da Nova Escócia. Ninguém escuta; e o grito permanece suspenso lá, para sempre. É uma leve mancha naquele céu azul, um céu que os viajantes comparam ao da Suíça, que é escuro demais. Um azul tão forte que parece um pouco mais escuro na linha do horizonte - ou seria aquele azul que a gente vê na borda dos olhos de algumas pessoas? A cor de uma nuvem de flores desabrochando nas árvores, o tom violeta dos campos. Alguma coisa escurecendo sobre as matas e as águas, e também no céu. Aquele grito assim inaudível na memória - no passado, no presente em todos os tempos. Talvez não fosse tão alto assim. Ele simplesmente veio para ficar, ficar para sempre – nem é tão alto, mas vivo para sempre. O tom daquele grito na escuridão seria o tom da minha vila. Bata de leve com uma varinha no sino da igreja e você vai ouvir esse som.

Ela estava em pé no quarto grande da frente. O quarto tinha as paredes inclinadas, como um quarto de chalé. O papel de parede branco com listras cor de ouro velho. Mais tarde, foi ela quem gritou.

A costureira da vila estava provando um vestido novo. Era seu primeiro vestido em quase dois anos. Ela tinha decidido sair do preto, por isso o vestido era roxo. Era muito magra. Ela não tinha certeza se ia gostar do vestido ou não, e ficava levantando com as mãos magras e brancas as pregas da saia ainda não alfinetadas e que arrastavam pelo chão.

“Essa cor combina comigo? Tá espalhafatosa? Hum, não sei. Faz tempo que eu não uso um vestido colorido!... Quanto tempo? Será que devia ser preto? Você acha que eu devia continuar vestindo preto?”

Os caixeiros-viajantes às vezes passavam vendendo livros vermelhos e verdes, livros sem graça, cheios de ilustrações coloridas de estórias bíblicas. As pessoas das figuras vestiam roupas parecidas com esse vestido roxo.

Era uma tarde quente de verão. A mãe dela e suas duas irmãs estavam lá. A irmã mais velha a trouxe de Boston para casa, não faz muito tempo, e essa irmã ficou para ajudar. Por que ela não tinha melhorado

em Boston, já que ficou lá tantos meses - ou teria sido um ano? Apesar dos médicos, apesar de gastar tanto dinheiro, ela não tinha melhorado.

Primeiro, ela voltou para casa, com a criança. Depois, foi embora de novo, sozinha, deixando a criança para trás. Depois voltou para casa. Depois ela foi embora de novo, com a irmã. Agora estava em casa de novo.

Como não estava acostumada com ela em casa, a criança ficava de pé na entrada da porta, assistindo a tudo. A costureira engatinhava pra lá e pra cá, com os alfinetes na boca, na posição em que Napoleão perdeu a guerra. O papel de parede brilhava e as árvores do lado de fora pareciam pesadas e bem verdes, o tapete de palha cheirando a feno.

Ah, que sons maravilhosos da oficina do ferreiro, lá no final do jardim! Podia se ver o telhado cinza, com musgo em algumas partes, acima dos arbustos cor lilás. Nate estava lá, vestindo um avental longo e preto de couro sobre as calças e o peito nu, suando muito, além de estar usando um boné de couro preto sobre o cabelo seco, grosso, de cachos grisalhos, com o rosto negro sujo de fuligem. Pó de ferro, costeletas e dente de ouro, tudo isso com um cheiro de metal quente e de cascos de cavalos.

Plim.

Um som puro, puro e angelical.

O vestido estava todo errado. Ela gritou.

A criança sumiu.

Mais tarde elas sentaram, a mãe e as três irmãs, na sombra da varanda lá de trás, bebericando um refresco em pequenos goles: sabor de framboesa. A costureira não quis se juntar a elas e saiu, abraçando o vestido. A criança está na oficina do ferreiro.

Na oficina do ferreiro, tudo fica pendurado nas sombras, e as sombras tomam conta de tudo. E há pilhas de poeira negras e brilhantes em cada canto. Uma banheira de água também negra fica perto da fornalha. As ferraduras velem pela escuridão como pequenas luas incandescentes e seguem em fila, até se afogarem na água negra, chiando, protestando. Do lado de fora, na beira do telhado, as vespas meticulosamente sugam o néctar das flores de uma trepadeira. Do lado de dentro, o ferreiro mostra como ele é ágil com uma mão, com ambas as mãos faz maravilhas, até com uma mão só. O cavalo que vai usar a ferradura bate a pata e acena com a cabeça como se concordando em fazer um tratado de paz.

Acena a cabeça, uma, duas vezes.

Um cachorro da raça Labrador olha para o cavalo e eles quase tocam seus focinhos, mas no último momento, o cavalo dá para trás.

Do lado de fora, sobre a grama estão espalhados discos de granito, grandes e pálidos, do formato de uma roda, como se fossem pedras de moinho. Nessa tarde, eu não posso nem tocar neles porque estão quentes demais.

Agora, o grito está se acalmando.

A costureira já está em casa, alinhavando, mas em lágrimas. Há muito tempo não trabalhava com um tecido tão lindo. A mulher recebeu de Boston, um presente da sogra, e Deus sabe quanto custou.

Antes da minha tia mais velha trazer ela de volta, eu fiquei olhando minha avó e minha tia mais nova desembulhando as roupas dela, as “coisas” dela. Em baús,

Barris e caixas que finalmente vieram de Boston, onde eu e ela já moramos. Tantas coisas na vila vieram de Boston, até eu vim de lá. Mas a única coisa que eu me lembrava era de estar aqui, com a minha avó.

As coisas que saíam das caixas eram roupas de luto.

As roupas eram pretas, ou brancas, ou pretas e brancas. “Que chapéu! Funeral.”, diz minha avó segurando alguma coisa grande, transparente, preta, enfeitada com rosas negras enormes; acho que são rosas, mesmo que sejam negras.

“Que casaco! Também de funeral, que ela ganhou no primeiro inverno depois que ela ficou viúva”, diz minha tia.

Mas eu sempre acho que elas estão dizendo matinal. Estão sempre falando que é roupa matinal, mas se é matinal, por que usar preto? Quando é que matinal começa? Antes do sol nascer?

“Ah, vestidos de casa!”

São mais bonitos. Limpos e engomados, impecavelmente dobrados. Alguns com bolinhas pretas. Outros com finas listras pretas-e-brancas com um laço preto de gorgorão. Um terceiro com um laço preto de veludo e no laço um broche de pérola.

“Veja. Ela esqueceu de tirar o broche.”

Um chapéu branco. Uma sombrinha branca bordada. Sapatos pretos com fivelas brilhantes como a

poeira da oficina do ferreiro. Uma bolsa de tecido prateado. Um porta-cartão prateado preso numa pequena corrente.

Continuam saindo coisas da caixa.

Outra bolsa de tecido prateado que vem embolada com gola redonda, bem pequena, com listras prateadas. Todas essas coisas penduradas uma na outra como um cabideiro de hall de entrada de casa.

Logo depois, caiu um porta-retrato prateado. Lenços com bainhas negras bem estreitas – “lenços matinais”.

Logo de manhã, no café, os lenços se agitam.

Um vidro de perfume vazou e ficaram manchas horríveis.

Oh, que aroma maravilhoso vindo de algum lugar! Aqui e agora não consigo sentir esse cheiro, mas na memória em algum lugar, ele está lá.

Aparece então uma grande coleção de cartões-postais. O elástico em volta deles arrebenta. Junto todos eles no chão. Algumas pessoas escreveram com tinta azul bem clara, e algumas com marrom, outras com preta, mas a maioria em tom de azul.

Grande parte dos selos foi rasgada. Alguns são comuns, ou fotografias, mas outros... Como são lindos! Enfeitados com purpurina, com lindos detalhes, cor de prata, ouro, vermelho e verde, ou os quatro tons misturados, tudo isso misturado grudando na palma da minha mão.

Espalhei todos os cartões para olhar. O contorno dos prédios nos postais é, não do jeito que eles são, mas do jeito que deveriam ser - se existisse uma forma de deixar os cristais grudados. Mas provavelmente não; eles cairiam no chão, e nunca mais seriam vistos. Alguns cartões, ao invés de linhas em volta dos prédios, têm palavras escritas no céu, com as mesmas coisas, grudando e deslumbrando, como se chovesse aos poucos sobre poucas pessoas que às vezes ficam logo abaixo: imagens de Pentecostes? Quais são as mensagens? Eu não sei, mas elas estão caindo naquelas mãozinhas, naqueles chapéus, nos dedos em cada pé de sapato, nos seus caminhos - o que quer que sejam.

Os cartões-postais vêm de outro mundo, do mundo dos avós que enviam coisas, o mundo do triste perfume marrom e manhãs. Os cartões de cor cinza à venda na loja da vila são tão sem cor que quase não chamam a atenção. De qualquer forma, se alguém anda do lado de fora, imediatamente vê

sempre a mesma coisa. A vila onde vivemos, ao vivo e a cores.

Dois barris de porcelana-chinesa. Brancos com uma listra dourada. Pedacos trincados. Uma xícara de chá grossa com pequenas borboletas azuis e vermelhas, dolorosamente desejável. Uma xícara com pequenas janelas de um azul pálido.

“Você está vendo os grãos de arroz?” diz minha avó, mostrando-me a xícara contra a luz.

Você poderia tirar os grãos? Não, realmente eles parecem não estar mais lá. Foram colocados ali só por um tempo e então deixaram alguma coisa ou outra para trás. Que coisas estranhas as pessoas fazem com grãos de arroz, tão inocentes e pequenos! Minha tia disse que já viu escreverem o Pai nosso neles. E eles realmente têm aquelas luzes azuis bem pálidas.

Mais uma porcelana chinesa quebrada. Minha avó diz que isso lhe entristece. “Por que eles não embalaram melhor? Deus sabe quanto isso custa.”

“Onde colocaremos tudo isso? O armário da porcelana chinesa não é muito grande.”

“Isso terá que ficar nos barris.”

“Mãe, você pode até usar.”

“Não”, diz a avó.

“Onde está a prataria, mãe?”

“Na caixa-forte em Boston.”

Caixa-forte! Que palavra horrível. Eu corro a ponta dos meus dedos novamente sobre as ásperas linhas douradas dos cartões-postais. Elas guardam coisas um para o outro e exclamam, e falam, e exclamam, outra vez.

“Olha, aquela caixa de bolo!”

“Sra. Miles.”

“O pão-de-ló da Sra. Miles...”

“Ela gostava muito.”

Outra foto- “Oh, aquela garota Negra! Aquela amiga.”

“Ela foi ser médica missionária. Ela tinha uma carta dela, do inverno passado. Da África.”

“Elas foram muito amigas.”

Elas me mostram a foto. A menina também é preta e branca, com óculos pendurados numa corrente. Uma amiga matinal.

E o cheiro, o maravilhoso cheiro da mancha marrom escura. É rosa?

Uma toalha de mesa.

“Ela fez um belo trabalho”, diz minha avó.

“Mas olhe - não está terminado.”

Dois pálidos aros de madeira lisa estão pressionados juntos no linho. Tem uma caixa de pequenas ferramentas enfeitadas em marfim.

Escondo uma pequena vara de marfim de ponta afiada. Para ficar com ela para sempre eu a enterrei debaixo dos arbustos floridos debaixo da macieira silvestre, mas ela nunca mais foi encontrada.

Nate canta e bombeia o fole com uma mão. Eu tento ajudar, mas ele realmente faz tudo sozinho, por trás de mim, e ele ri quando o carvão fica vermelho e em brasa.

“Me faça um anel! Me faça um anel, Nate!”

Instantaneamente é feito, é meu.

Ele é muito grande e quente, azul e brilhante. O prego da ferradura tem a cabeça achatada, quente pressionando contra o nó dos meus dedos.

Dois homens estão em pé assistindo, mastigando ou cuspidando fumo, fósforos, pregos de ferradura - nada, aparentemente, mas com muita presença; eles estão em casa, bem à vontade. Entretanto, o cavalo é o convidado real. Seus arreios estão pendurados frouxos como os suspensórios de um homem. Eles dizem coisas carinhosas para o cavalo; uma de suas pernas está dobrada de uma forma improvável e exageradamente educada, e a base do seu casco está exposta, mas ele não se importa. O estrume se acumula atrás dele, de repente, nitidamente. Ele também está bastante à vontade. Ele é enorme. Seu traseiro é como um globo marrom brilhante, o maior de todo o mundo marrom. Suas orelhas são entradas secretas para o submundo. Seu nariz parece de veludo, com pontos de tinta sob o leite rosado. Um pouco de espuma endurecida verde clara, lustrosa como vidro, está grudada em volta da boca. Ele tem medalhas no peito, também, e uma na testa, e ornamentos mais simples - anéis de celulóide uns sobre os outros em tiras de couro. Sobre cada têmpora tem um vidro claro saliente, como um globo ocular, mas neles estão as cabeças de dois outros cavalinhos (seus sonhos?), bem coloridos, real e suspenso, intocável, contra fundos de azul prateado. Seus troféus ficam perto dele, e a nuvem de odor que ele exala lembra uma carruagem.

Por fim, todas as quatro patas são esfregadas com alcatrão, e brilham, e ele mostra satisfação, expelindo de suas narinas uma fumaça barulhenta, assim que ele se encaixa na carroça.

O vestido roxo vai ser provado esta tarde, mas eu levo um bilhete para Sra. Gurley, dizendo que a prova terá que ser adiada. A senhora Gurley parece aflita.

“Que pena! E como está - ” e ela pára.

A casa dela é toda cheia de retalhos e moldes de papel amarelo picotados com as letras A, B, C, D e números por toda a parte como uma vegetação delicada. Ela tem um bojo cheio de agulhas já com linhas enfiadas para usar e faz um ninho com elas. Ela dorme no seu dedal. Uma gatinha cinza deita no pedal da máquina de costura, que ela balançava enquanto costurava, como um bebê embalado em um berço, mas a gata se enforcou na correia. Ou será que ela inventou isso? Mas outro gato cinza e branco deita-se agora no braço da máquina de costura, correndo o perigo eminente de ser costurado em um turbante.

Tem uma mesa coberta com laços e fitas, sedas bordadas e cartões com botões de todas as cores - grandes para casacos de inverno, pequenas pérolas

e outros pequenos de vidros deliciosos para por na boca e ficar chupando.

Ela fez o vestido que eu estou usando, por uma ninharia. Minha avó disse que a minha outra avó ia ficar muito surpresa com a pechincha.

Aquela coisa roxa está em cima de uma mesa. Tem um bocado de linhas brancas ao redor. Oh, não olhe porque pode se mexer ou fazer barulho. Pior ainda, pode repetir o que ela ouviu!

Misteriosamente, a pobre senhora Gurley - eu sei que ela é pobre - me dá uma moeda de cinquenta centavos. Se inclina e a coloca no bolso vermelho e branco que ela mesma fez. É muito pequena, muito brilhante. Na moeda, a barba do rei parece uma pequena chama prateada. Por que elas parecem como arenque - ou talvez com escamas de salmão, por isso essas moedas de cinquenta centavos são chamadas “escamas de peixe”. Alguém já ouviu falar que já foram encontrados anéis dentro da barriga de alguns peixes, ou mesmo antigos canivetes perdidos. E se alguém pudesse descamar um salmão e encontrar pequenas fotos do rei em cada escama?

Coloquei minha moeda de cinquenta centavos na boca por segurança quando ia para casa e a engoli.

Meses depois, que eu saiba, ela ainda está dentro de mim, transmutando seu precioso metal para meus dentes e cabelos.

Volto para casa, mas eu estou proibida de subir. Ouço minhas tias correndo pra lá e pra cá, e talvez uma bacia de estanho caindo do chão da saleta atapetada do segundo andar.

Minha avó está sentada na cozinha mexendo batata para fazer o pão de amanhã e chora sobre ela. Ela me dá uma colherada e tem um gosto maravilhoso, mas tem alguma coisa errada. Penso que provei nele as lágrimas da minha avó; então eu a beijo e sinto o mesmo gosto de lágrimas na sua bochecha.

Ela diz que é hora de se arrumar, e eu digo que quero ajudá-la a pentear o cabelo. E fico em pé brincando na cadeira de balanço.

A cadeira já foi pintada e repintada muitas vezes, ela é tão macia e se pode ver as mãos de cores que já foram dadas azul, branca e cinza todas aparecendo. O cabelo da minha avó é prateado e ela tem vários pentes de celulóide, listrados de cinza e prata para combinar. Os que ela usa na parte de trás do cabelo tem os dentes maiores que os outros e uma fileira de pontinhos prateados incrustados na parte de cima,

abaixo de outra fileira de bolinhas. Eu brinco de tocar música com esses pentes; então fico imaginando antes de colocá-los, a cabeça da minha avó fica cheia de música. Ela ri. Fico feliz por não ter de contar para ela sobre a moeda de cinquenta centavos que ganhei. Tomo uma bebida marrom e gelada na caneca maior; nada de mais acontece.

Mas ficamos esperando por um grito. Ele ainda não foi ouvido de novo, e o sol vermelho se põe em silêncio.

Toda manhã eu levo a vaca para o pasto arrendado do senhor Chilsolms. Ela, Nely, pode talvez ir sozinha, mas eu gosto de andar pela vila com uma vara grande, tocando a vaca.

Hoje a manhã está clara e agradável. Minha avó e eu estamos sozinhas outra vez na cozinha. Ficamos conversando. Ela diz que aconchegante o calor do forno acesso para assar o pão e tostar um pernil de cordeiro.

“Você vai se lembrar de ir até o riacho? Leve Nely com você e traga um molho de hortelã. Quero usar hortelã.”

“Para o pernil do cordeiro?”

“Você terminou o seu mingau?”

“Acho que já vou indo.”

“Se apresse e termine o mingau.”

Ouçõ conversarem na escada.

“Não, agora espere”, minha avó diz. “Espere um minuto.”

Minhas duas tias entram na cozinha. Ela está com as tias, usando o vestido branco de algodão com bolinhas pretas, uma faixa de veludo preto no pescoço. Ela entra e me dá o resto do mingau, sorri para mim.

“Levante-se agora e vamos ver o quanto você cresceu”, ela me diz.

“Já está quase batendo no seu cotovelo”, ela diz. “Veja como está crescida.”

“Quase.”

“É o cabelo dela.”

Sinto mãos na minha cabeça, me empurrando para baixo. E saio de baixo delas. Nely está me esperando no jardim, me esperando com o nariz

escorrendo. Minha vara de madeira espera por mim atrás do portal, vestida de casca de árvore.

Nely me olha, babando como se fossem fios de uma baba transparente.

Ela começa no canto da casa sem vacilar.

Chicoteia. Chicoteia. Como ela é irritante!

Mas ela é uma vaca de raça e nós a achamos muito bonita. “De frente”, minha tia às vezes acrescenta.

Ela pára de pastar pelo caminho, a grama alta em volta do mourão.

“Nely!”

Xô! Eu bati na traseira dela.

Ela passa sem sequer olhar em volta. Baque, baque, baque, desce pela calçada de barro, em direção à estrada, pela praça da vila em frente à igreja Presbiteriana. A grama está cinza por causa do orvalho. A igreja parece deslumbrante. É muito alta e fechada; a igreja está inclinada para trás.

Mais adiante, a estrada está coberta de sombra, de árvores altas, velhas e frágeis; a grama está alta e azul na vala. Atrás das árvores os campos são verdes e tranquilos.

Nós passamos pela casa da senhora Peppard. Nós passamos pela casa da senhora McNeil. Passamos pela casa da senhora Geddes. Passamos pela loja dos Hills.

A loja era de um cinza-azulado desbotado, com janelas altas, construídas ao comprido em uma longa e alta escadaria de cimento cinza-azulado com um ferro que alcança um corrimão. Hoje, em uma janela têm grandes cavaletes de papelão, no formato de casas - casas completas e casas com telhados erguidos para mostrar lances dos quartos por dentro, em diferentes cores - com latas de tinta em pirâmides no centro. Mas elas são uma velha história. Nas outras janelas tem uma coisa nova: sapatos, um pé de sapato, sapato de verão, cada um acomodado sobre sua própria caixa, com seu parceiro embaixo e dentro no escuro, surpreendentemente, alguns deles aparecem ter exatamente as cores e textura de giz de quadro negro em rosa e azul, mas não posso parar para examiná-los agora. Lá dentro, grandes guarda-pós no alto pendurados em seus cabides. Senhorita Rute Hills olha por outra porta e acena. Passamos pela casa da senhora do Capitão Mahon.

Nely se inquieta e começa a andar rápido, indo para a direita. Toda manhã e à tardinha fazemos

isso. Estamos chegando à casa da senhorita Spencer. Senhorita Spencer é a designer de chapéus da mesma forma que a senhorita Gurley é a costureira. Ela tem uma casa branca bem pequenina com um degrau na calçada direita. Uma janela da frente tem cortinas amarelo pálidas presas com um laço com persianas abaixadas; a outra tem uma estante na qual estão distribuídos quatro chapéus de verão. Pelo canto do meu olho eu posso ver que tem um fiapo de palha com pequenos chumaços de penas de flamingo coloridos em volta da coroa, mas outra vez não há tempo para examinar nada.

De cada lado da porta da senhorita Spencer tem um grande e velho arbusto lilás.

Toda vez que eu passo, Nely espanta todas as moscas dela e daqueles arbustos - espanta-as para sempre, em uma única tacada. Então a senhorita Spencer está prestes a aparecer na porta e ficar lá, se balançando de raiva, entre os dois arbustos que ainda balançam pela passagem de Nely, e grita comigo, às vezes balança o chapéu também na minha direção.

Nely, tombando à direita, começa a trotar como uma vaca. Eu corro com a minha vareta.

Xô!

“Nely!”

Xô! Assim que ela se rende nós seguimos em segurança.

Então começa uma longa, prazerosa esticada por baixo dos elmos. A mansão Presbiteriana tem uma grade de ferro preta com pilares de quatro lados ornamentados, como gaiolas para cegonhas. Dr. Guillespie, o pastor, aparece logo que a gente passa, e vem lentamente em nossa direção com a sua bicicleta.

“Bom dia.” Ele até toca em seu chapéu.

“Bom dia.”

Ele usa o chapéu mais interessante do vilarejo: um chapéu masculino comum de palha dura, só que preto. Existe alguma possibilidade dele ter pintado em casa com algo como um lustra-forno? Porque uma vez uma das minhas tias pintou um chapéu de palha de azul naval.

Nely, distraída, faz coisas de vaca.

É fascinante. Eu não consigo tirar os olhos dessas coisas. Então eu piso em volta delas: bela e puro verde-escuro e rendada e aguada nas bordas.

Nós passamos pelos McLeans, os quais eu conheço muito bem. O Sr. McLeans acabou de sair do seu novo celeiro de telhado metálico com bordas, e com ele está Jock, o cão Pastor mais velho deles, de pêlos longos, preto, branco e amarelo. Ele corre latindo, estrondosamente, latidos macios na manhã tranquila. Eu hesito.

O Sr. McLeans grita, “Jock! Você! Volte aqui! Você está tentando assustá-la?”

Para mim ele diz, “Ele é duas vezes mais velho que você.”

Finalmente eu acaricio a cabeça grande, redonda e quente.

Nós conversamos um pouco. Eu pergunto o número exato dos anos de Jock, mas o Sr. McLeans esqueceu.

“Ele mal tem dentes em sua boca e tem reumatismo. Eu espero que a gente passe juntos o próximo inverno. Ele ainda quer ir pra mata comigo e é difícil para ele na neve. Ficaremos perdidos sem ele.”

O Sr. McLeans fala com a mão na boca, não quer magoar os sentimentos de Jock: surdo como uma porta.

Como qualquer surdo, Jock vira a cabeça para o lado.

“Ele era o melhor cão na busca de vacas da redondeza. As pessoas costumavam vir de longe lá do cais para pedir que ele encontrasse as vacas deles. E ele sempre encontrava. No primeiro ano nós tivemos de deixá-lo para trás quando fomos para as montanhas buscar as vacas, eu pensei que ele morreria. Bem, quando os dentes dele começaram a cair ele não podia mais fazer muito pelas vacas. Effie costumava dizer, ‘Eu não sei como nós correríamos a fazenda sem ele’.”

Carregado com muito do seu pelo preto e amarelo e branco, Jock sorri mostrando como ele tem poucos dentes. Ele tem sobrancelhas que parecem lagartas amarelas.

Nely continua em frente. Ela está quase no topo da colina nos Chilsolms quando eu encontrei com ela. Nós dobramos no barranco deles, viagem longa, pelo barranco, campo simples, povoado de macieiras infelizes. Do topo, então, do quintal dos Chilsolms, sempre se pára para olhar a vista.

Existem topos de olmeiros por todo vilarejo e, além deles os longos pântanos verdes, tão frescos, tão

salgados. Então o navio de carga Minas Basin, com a maré pela metade subindo ou descendo, a lama vermelha molhada coberta com azul céu até encontrar a rastejante água de alfazema vermelha. Como um ponteiro de relógio reto para cima, está o campanário da igreja presbiteriana. Nós somos marítimos, o que significa é que nós vivemos à beira mar.

A face pálida e ansiosa da Sra. Chilsolms me observa sair da cozinha enquanto ela lava os pratos do café da manhã. Nós acenamos, mas corro, pois ela pode querer fazer perguntas. Mas as perguntas dela não são tão chatas quanto aquelas que o marido dela faz, o Sr. Chilsolms, que usa barba. Uma tarde, ele me encontrou no pasto e perguntou como eu estava. Então, ele me suspendeu firmemente com ambas as mãos enquanto rezava, com sua cabeça baixa, Nely bem ao nosso lado está mastigando seu “mato” o tempo todo. Eu senti a alma pesada no meu peito, por todo o caminho de casa.

Eu deixei Nely passar pela cancela para o pasto onde fica o riacho, para conseguir hortelã. Nós duas bebemos água e eu pego um molho grande de hortelã, comendo um pouco, arranhadiço e forte. Nely olha por cima dos ombros e volta atrás para experimentar, pensando como vacas pensam, deve ser algo

especial para ela. O rosto dela está próximo do meu e eu a abraço por um chifre para admirar os olhos dela outra vez. O nariz dela é azul e tão brilhante na chuva. Assim de tão perto meus sentimentos por ela ficam confusos. Ela me lambe o braço nu, arranhado e forte também, quase me jogando no riacho; então, ela sai e se une a um amigo branco e preto que ela tem ali, mugindo para que ela o espere. Por um momento me passa a ideia de não voltar para casa hoje de jeito nenhum, me sentir segura no pasto o dia todo, brincando no riacho e escalando as ondulações dos montes cobertos de musgo do lado do pântano. Mas uma imensa, sibilante, resplandecente solidão, repentinamente me encara, e as vacas se movendo fora da sombra dos pinheiros, seus sinos tocando suavemente, um a um. No caminho para casa tem quatro chapéus e os sapatos de verão na janela da Srta. Spencer para serem vistos. Tem o mesmo modelo de sapato em quatro cores: branco, couro preto envernizado, rosinha e azul bebê. Ele tem tiras que abotoam em volta do tornozelo e acima, quatro delas, mais ou menos com uma polegada de largura e uma polegada de comprimento.

Naqueles livros dourados, vermelhos e verdes, mas chatos, cheios de ilustrações de estórias bíbli-

cas, os centuriões Romanos calçam sapatos bem parecidos.

Certamente são do meu tamanho. Certamente este verão, rosa ou azul, minha avó vai me comprar um par!

No caminho, a Sra. Rute Hills me dá um chocolate da bombonière. Ela fala comigo: “Como está ela? Sempre fomos amigas. Nós brincávamos juntas desde o tempo em que éramos bebê. Sentávamos juntas na escola. Do lado direito da sala. Depois que ela partiu, ela sempre me escrevia – até mesmo depois que ela ficou doente pela primeira vez.” Então ela conta uma estória divertida sobre quando eram crianças.

Esta tarde, a senhorita Gurley chega e nós subimos para observar o vestido roxo sendo ajustado mais uma vez. Minha avó me segura com os seus joelhos. Minha tia mais nova está ajudando a senhorita Gurley, dando a ela a tesoura quando ela pede. A senhorita Gurley está animada e faladeira hoje.

O vestido agora está mais justo. A saia pinçada com dobras estreitas colocadas lado a lado na parte de baixo da saia; as mangas bem justas, com pequenas pregas caindo sobre as mãos brancas e magras.

Todos estão muito satisfeitos com o vestido; todos conversam e sorriem.

“Veja como é lindo!”

“Nunca vi você com uma roupa tão linda!”

“É tão bom ver você usando uma roupa colorida, pra variar.”

E o roxo é de verdade, como uma flor contrastando com o papel de parede branco e dourado.

Na mesa do escritório, tem um presente que acabou de chegar de um tio que eu não me lembro.

É um embrulhinho brilhante de almofadas lisas de cetim triangulares - sachês amarrados com uma fita branca de cetim, com uma imitação de botão de rosa em cima do nó. Cada sachê é de uma cor leve diferente; se você separar um sachê do outro, cada um tem um perfume leve diferente. Mas amarrados do jeito que eles vieram, exalam um cheiro indefinido, de coisa empoeirada.

O espelho foi tirado da cômoda e colocado no chão contra a parede.

Ela caminha lentamente para cima e para baixo, e olha a saia pelo espelho.

“Acho que ela está quase boa”, diz a senhorita Gurley ajoelhando-se e olhando também no espelho, mas como se a saia estivesse a quilômetros de distância dela.

Mas, puxando a saia roxa com as suas mãos magras e brancas, ela diz em tom de desespero: “Não sei mais o que as pessoas estão vestindo. Não faço a menor ideia!” ela lamenta.

“Calma”, diz a senhorita Gurley, acalmando-a. “Eu acho que está quase boa. Não acha?” Ela apela para minha avó e para mim.

Sons leves, musicais, constantes estão vindo da oficina de Nate. Parece que ele estava fazendo o aro de uma roda.

Ela me vê no espelho e se volta para mim: “Pare de chupar o dedo!”

Logo depois, ela se volta pra mim de novo e pergunta: “Você sabe o que eu quero?”

“Não.”

“Eu quero chupar umas balas. Estou louca por umas balas. Acho que tem anos e anos que não chupo uma bala. Se eu lhe desse uns trocados você iria na Mealy e me compraria um saquinho?”

Uma missão para cumprir! Tudo está bem agora.

As balas que ela quer não são do tipo que eu gosto. Elas são marrons como a água do riacho, mas são duras, e parecem almofadinhas retorcidas. Elas duram muito tempo, mas não têm aquele recheio brilhante de sabor cereja ou morango, que dá água na boca.

A Mealy tem uma lojinha onde vende doces, e bananas e laranjas e todo o tipo de trabalho de crochê que ela faz. No Natal, ela vende brinquedos, mas só no Natal. O nome verdadeiro dela é Amélia. Também toma conta da cabine telefônica da vila que fica na sala de jantar da casa dela.

Alguém acha um pequeno porta-níquel dentro da cômoda. Ela conta e bota na minha mão cinco moedas grandes, fazendo um montinho, e depois coloca mais uma.

“Aquela ali é pra você. Assim você não come todas as minhas balas no caminho de casa.”

Mais instruções:

“Não vá correndo.”

“Não pare na ponte.”

Eu corro mesmo assim e, passando pela oficina de Nate, dou uma olhada rápida lá dentro e vejo ele trabalhando com uma mão. Com a outra, ele me acena e eu também dou com a mão. Aquele lindo e imenso cão Labrador está lá dentro de novo e sai pulando comigo.

Eu não paro na ponte, mas diminuo o passo o suficiente para descobrir de que ano são as moedas na minha mão. O rei que aparece na moeda é muito maior do que na outra de cinquenta centavos; marrom, como um índio cor de cobre, mas ele está vestindo a mesma roupa do outro homem; na outra moeda, pode-se até perceber uma pequena pele arminho enfeitando o seu casaco.

Mealy tem um sino que toca quando alguém entra para ela ouvir quando estiver atendendo na cabine telefônica. A loja fica um degrau abaixo, escura e com um balcão que toma um lado da loja. O teto é baixo e o balcão bem assentado no piso. Mealy é grande e gorda, e é como se ela, e o balcão e a vitrine, amontoados de coisas, se misturassem até perder de vista.

Cinco centavos dão para comprar muitas balas. Não posso demorar muito para escolher o que é que eu quero pra mim. Preciso voltar rápido, bem rápido, enquanto Gurley está lá, e todo mundo está no

andar de cima e ela ainda está provando o vestido. É uma bola dura, que brilha por causa dos cristais de açúcar rosa e amarelo; a bola está pendurada num elástico, de um jeito nada prático, é como se fosse uma bola de verdade feita de elástico. Só sei que nem me importo com o que tem dentro dela, que é macio, mas eu enrolo a maior parte do elástico no meu braço, pra pelo menos, não deixar a bola cair no chão e começo esperançosamente a voltar para casa confiante.

Mas uma noite, no meio da noite, tem um incêndio. O sino da Igreja me acorda. O fogo está no quarto, perto de mim; as chamas vermelhas estão queimando o papel de parede do lado da cama. Acho que grito.

A porta abre. Minha tia mais nova entra. Tem uma lâmpada acesa no corredor e todos estão falando ao mesmo tempo.

“Não chore!” Minha tia diz, quase gritando comigo. “É só um incêndio. Lá na estrada. Não vai machucar você. Não chore!”

“Will! Will!” Minha avó está chamando meu avô. Você tem mesmo que ir?”

“Não, não vá papai!”

“Parece que é na casa dos McLeans”. A voz do meu avô parece abafada.

“Ah, não, logo no celeiro novo deles!” Diz a minha avó.

“Daqui não dá pra ver.” Ele deve estar com a cabeça pra fora da janela.

“Ela está chamando você, mãe.”

“Eu já vou.” Diz minha tia mais velha.

“Não, eu é que vou.” Responde minha tia mais nova.

“Acenda aquela outra lâmpada, menina.”

Minha tia mais velha vem até minha porta. “É lá fora. Não é aqui perto. Os homens vão resolver isso. Agora você vai dormir.” Mas ela deixa minha porta aberta.

“Deixe a porta dela aberta”, grita então minha avó. “Oh, por que será que eles têm que tocar o sino assim? Amedronta qualquer um. Will, tome cuidado.”

Sentada na cama, vejo meu avô descendo as escadas, e, enquanto anda, vai enfiando a camisa do pijama nas calças.

“Não faça tanto barulho!” Minha tia mais velha e minha avó parecem estar discutindo.

“Que barulho! Não posso nem ouvir meus pensamentos, com esse sino tocando!”

“Aposto que é o pastor quem está tocando!” As duas começam a rir.

“Deve ter sido algum raio que caiu” diz minha avó, que agora parece estar no quarto dela, como se tudo tivesse terminado.

“Ela está bem, minha mãe.” Diz a tia mais nova voltando. “Não acho que ela está com medo. Não dá pra ver o clarão daquele lado da casa!”

Então minha tia mais nova entra no meu quarto e se deita na cama comigo. Ela diz para eu dormir, por que o incêndio é lá longe na estrada. Os homens têm que ir; meu avô já foi.

É provável que seja o celeiro de alguém cheio de feno queimado pelo relâmpago. Tem sido um verão tão quente que toda hora acontece isso. O sino da igreja pára e a voz dela e ouço a voz dela bem alta, de repente, no meu ouvido e por cima do meu ombro. O último eco do sino ainda fica por muito tempo.

Carroças passando no caminho. “Agora elas estão indo para o rio pra encher os barris”, diz minha tia baixinho, atrás de mim. A chama vermelha desaparece da parede, e depois torna a brilhar de novo. As carroças fazem barulho na escuridão. Os homens estão xingando os cavalos.

“Agora estão voltando com a água. Vá dormir.”

Acordo ainda nessa mesma noite, a noite do incêndio. Minha tia está saindo da cama, correndo. Ainda está escuro e tudo está em silêncio, agora, depois do incêndio. Não, silêncio não; minha avó está chorando em algum lugar, não no quarto. Tudo está ficando cinza. Ouço uma carroça, fazendo barulho lá longe, talvez cruzando a ponte.

Mas agora percebo um monte de vozes. Minhas tias e minha avó falando sempre as mesmas coisas às vezes alto, outras vezes aos cochichos:

“Depressa. Pelo amor de Deus, feche a porta!”

“Psiu!”

“Ah, não podemos continuar assim, nós...”

“É muito perigoso. Lembre-se de que...”

“Psiu! Não deixe que ela...”

Uma porta bate.

Uma porta se abre. As vozes começam de novo.

Quero ficar livre.

Espere. Espere. Ninguém vai gritar.

Devagar, devagarzinho, amanhece. Um vermelho diferente colore o papel de parede. Agora a casa está em silêncio. Eu me levanto e me visto sozinha, e desço as escadas. Meu avô está na cozinha sozinho, tomando seu chá. Ele mesmo também fez o mingau de aveia. Ele me dá um pouco e, bem alegre, me conta sobre o incêndio.

Afinal, nem foi no celeiro dos McLeans, mas de outra pessoa, lá fora da estrada. Perderam quase todo o feno, mas conseguiram de algum jeito salvar parte do celeiro.

Mas, nenhum de nós dois está realmente ouvindo o que ele está dizendo; esperando os sons que podem vir lá de cima. Mas, tudo está quieto.

No caminho de casa, quando volto do pasto com Nely, vou ver que celeiro foi. Ainda tem gente por ali, alguns deles eram os homens que levantaram de noite para ir até o rio. Todo mundo parece estar

alegre, mas o cheiro do feno queimado é horrível, enjoado.

Agora o quarto da frente está vazio. Minha tia mais velha viajou para Boston e minha outra tia está fazendo planos de, mais adiante, ir pra lá, também.

Nasceu um porquinho novo. Era bem bonitinho e escorregou no piso da cozinha, fazendo todos rirem dele. Ele engordou e engordou. Talvez nesse mesmo verão, com um calor fora do comum, até um porco que não costuma se queimar com o sol tenha ficado bronzeado. Ele realmente ficou muito queimado, com um tom rosa brilhante, mas o mais estranho é que até a parte enroladinha do seu rabo bronzeou tanto que ficou marrom e queimada. Minha avó apara o rabo com a tesoura, mas não dói.

Algum tempo depois, o porco é abatido. Minha avó, minha tia e eu nos trancamos na sala para não ver. No piano, minha tia toca uma música que lembra o som dos campos. E ela continua tocando; e então ela toca uma marcha.

O quarto da frente está vazio. Ninguém lá. Tem roupas penduradas por lá.

Toda semana minha avó manda uma encomenda. Dentro ela coloca bolo, fruta, um pote de conserva e chocolates.

Toda segunda-feira de tarde.

Fruta, bolo, amêndoas, um lenço com uma borda de renda.

Fruta. Bolo. Compota de morangos silvestres. O Novo Testamento.

Um vidrinho de perfume da loja da família Hills com um pingente de seda roxa amarrado na tampa.

Fruta. Bolo. “Poemas do escritor inglês Tennyson.”

Um calendário com citações diárias de um poeta de Boston.

Fruta. Bolo. Chocolates.

Eu a vejo fazer os embrulhos na copa. Às vezes, de última hora, ela me manda na loja para pegar algumas coisas que estão faltando. O endereço do sanatório está escrito com a letra da minha avó, com uma caneta de tinta roxa que não apaga num papel de embrulho liso. Nunca vai apagar.

Eu levo a encomenda ao correio. Me aproximando da oficina do Nate, passo pelo outro lado da estrada e seguro o pacote de um jeito que ele não possa ver o endereço.

Ele me chama. “Vem cá! Quero mostrar uma coisa!”

Mas eu finjo que não estou escutando. Se fosse qualquer outro dia, eu iria.

O correio é muito pequeno. Fica na beira da rua, como um pacote que foi jogado ali pelo correio. O governo pintou as madeiras de marrom claro com um acabamento vermelho. A terra em frente está bem batida de tanto passarem por ali, a superfície está toda marcada e riscada, entalhada com iniciais das pessoas. À noite, quando o malote do correio chega, uma fileira de rapazes se debruça sobre ele, mas durante o dia, não há o que temer. Não tem ninguém na frente e lá dentro está vazio. Só tem o funcionário do correio, o Sr. Johnson que vê a letra roxa da minha avó.

O correio é meio inclinado, como a loja da Mealy, e dentro tudo parece muito gasto. O Sr. Johnson olha pra fora da janelinha, que fica no meio do caixa com cabine de vidro, como se fosse um animal olhando

pra fora da sua manjedoura. Mas ele tem um aspecto imponente, com aquelas cabines de vidro chanfradas nos cantos, e com aqueles números dispostos na vertical, sombreados de dourado e preto.

O nosso é o 21. Embora não tenha nada dentro, o Sr. Johnson automaticamente passa o olho nela por detrás quando me vê.

21.

“Bem, bem. Estamos por aqui de novo. Bom dia”, ele diz.

“Um bom dia, Sr. Johnson.”

Preciso sair de novo para entregar a ele a encomenda que tem que passar para a parte de dentro do correio pelo guichê de sempre, pois o pacote é muito grande para entrar pela abertura pequena do guichê. O funcionário do correio é bem velhinho e simpático. Não tem dois dedos na mão direita, que foram decepados por uma máquina debulhadeira. Ele usa um boné azul marinho com uma viseira de couro, como de um comandante de navio, e uma camisa com leves e pequenas listras marrons, e um botão grande de ouro na gola.

“Deixa eu ver. Deixa ver. Humm humm”, ele murmura, pesando o pacote na balança, sacudindo a barra com os outros dois dedos e com o polegar.

“Sim. Sim. Sua avó é uma pessoa muito fiel”.

Toda segunda feira à tarde, eu passo pela oficina do ferreiro com a encomenda debaixo do braço, escondendo o endereço do sanatório com o braço e a minha outra mão.

Passando pela ponte, paro e olho para o rio. Todas as pequenas trutas que não foram fisdadas por serem muito espertas - por quanto tempo será que elas vão ficar por lá? - estão nadando de lado, saltando, recuando bobamente, contra e pra fora de um velho pára lamas submerso do carro Ford do Sr. Malcolm McNeil. Foi colocado lá há anos e é uma vergonha para nós. Como também as latas de metal que brilham, lá, marrons e douradas.

Vista de cima, a truta parece transparente como a água, mas se alguém pegasse uma, ela ficaria bastante opaca, com uma pequena barriga lisa e branca como a lua, com um par de pequenas, barbatanas rosa choque. Árvores envergadas encharcam suas finas folhas amareladas.

Nate está moldando um casco de cavalo para ajustar a ferradura.

Ah, que som puro e lindo!

Aquele som silencia o resto.

Mas ainda, de vez em quando, o rio faz um murmúrio inesperado: splash.

Um som provocado por uma madeira marrom, com nós espinhentos e vitrificados, deslizando pela superfície da água.

Tudo prende a respiração, menos o rio.

Plim.

Agora não tem mais grito. Mas já houve um, ele caiu na terra, numa tarde quente de verão. Ou será que flutuou para aquele céu azul bem escuro. Mas, com certeza, foi embora, para sempre.

Parece o som de um sino marítimo, ao largo, no mar.

São os elementos falando: terra, ar, fogo e água.

Todas as outras coisas - roupas, cartões postais se desfazendo, porcelana quebrada; coisas danificadas e perdidas, deterioradas ou destruídas; até mesmo

aquele grito agora fraco e quase perdido – será que, no final, todas essas coisas são tão frágeis que suas vozes não serão ouvidas para sempre? Será que elas são mortais?

Nate! Oh, som tão belo, toque de novo!

*Fim.*



COLOFÃO

Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 12/18</i>
Papel	<i>Ecomillennium 75 g/m<sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)</i>
Impressão	<i>Setor de Reprografia da EDUFBA</i>
Capa e Acabamento	<i>Cian Gráfica</i>
Tiragem	<i>400</i>



